

## *Contribuições da psicanálise para a crítica literária*

Este trabalho buscou demonstrar um pouco da crítica psicanalítica, exemplificando, em análise, o conto 'O Gato Preto'. Esclarecendo brevemente a teoria do Sigmund Freud, o pai da psicanálise, e de como toda sua descoberta e observações em torno do inconsciente, foram importantes para a literatura. Mas não se pode negar que sua teoria está em constante relação com contexto literário, então, este trabalho, mostra as grandes contribuições de Freud para a análises literárias. Como exemplo dessas contribuições, foi pego um conto de Edgar Allan Poe, por isso, surgiu a necessidade de abordar o que seria o conto para esse grande escritor norte-americano da ficção do terror. Logo após, seguiu a análise do 'O gato preto', assim, na prática, tornando mais evidente que existe uma relação entre a literatura e psicanálise.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Crítica literária; Inconsciente; Psicocrítica; Freud; Literatura; Conto; Gato preto.

## *Contributions of psychoanalysis to literary criticism*

This work sought to demonstrate a little of psychoanalytic criticism, exemplifying, in analysis, the short story 'O Gato Preto'. Briefly clarifying the theory of Sigmund Freud, the father of psychoanalysis, and how all his discovery and observations around the unconscious were important for literature. But it cannot be denied that his theory is in constant relationship with the literary context, so this work shows Freud's great contributions to literary analysis. As an example of these contributions, a short story by Edgar Allan Poe was taken, so the need arose to address what would be the story for this great American writer of horror fiction. Soon after, he followed the analysis of 'The black cat', thus, in practice, making it more evident that there is a relationship between literature and psychoanalysis.


**Keywords:** Psychoanalysis; Literary criticism; Unconscious; Psychocritics; Freud; Literature; Tale; Black cat.

Topic: **Psicologia Organizacional**

Received: **11/06/2020**

Approved: **29/07/2020**

Reviewed anonymously in the process of blind peer.

Carla Larisse Ferreira dos Santos   
Universidade Federal de Sergipe, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/2448601951180195>  
<http://orcid.org/0000-0003-1271-1101>  
[carlalarisse7@gmail.com](mailto:carlalarisse7@gmail.com)



DOI: 10.6008/CBPC2179-684X.2020.003.0022

### Referencing this:

SANTOS, C. L. F.. Contribuições da psicanálise para a crítica literária. *Revista Brasileira de Administração Científica*, v.11, n.3, p.304-312, 2020. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-684X.2020.003.0022>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo fazer uma relação das contribuições da psicanálise para literatura, bem como apresentar uma análise do conto ‘O Gato Preto’ de Edgar Allan Poe (1809 – 1849). Com o intuito de esclarecer o obscurantismo na obra de Poe, que é considerado o “pai do conto norte-americano”, aliado às observações da psicocrítica. Logo, para a análise desse conto temos que levar em consideração as famosas teorias que Sigmund Freud, as quais ele defendia quando criou a psicanálise, assim como a teoria do conto de Edgar Allan Poe.

Temos que levar em consideração o fato de Edgar Allan Poe estar inserido no romantismo norte-americano, que tinha um projeto único, mas com visões diferentes para retratar a alma humana. Sendo que Edgar Allan Poe está vinculado à ideia de que a sociedade é extremamente amarga, e esse enxerga o mundo através do grotesco e do terror. Poe trata de temas eternos, e para ele viver em sociedade gera um eterno descompasso, e o poeta foge desse descompasso através da bebida e da morte; tanto que morre de coma alcoólico. Sendo que o álcool é um fator primordial para a decadência do narrador do conto ‘O Gato Preto’.

Em suma Edgar Allan Poe conseguiu levar à perfeição o relato fantástico e grotesco, sem se desvincular de sua concepção psicológica. Pois seu estilo inconfundível mescla a imaginação livre à concepção mais exata, mudando o rumo do conto moderno e influenciando inúmeros escritores.

## MATERIAIS E MÉTODOS

### Literatura e a crítica psicanalítica

Para se entender a crítica psicanalítica se faz necessário entender um pouco o que seria a psicanálise. Sucintamente, seria uma linha teórica que aborda o inconsciente em suas mais variadas estruturas. Essa teoria foi difundida pelo austríaco Sigmund Freud (1856 – 1939), que teve como objetivo tratar dos seus pacientes que tinham desequilíbrios mentais, não tinha muito a ver com a literatura.

O consciente já se falava a muito antes de Freud elaborar sua teoria, mas foi de suma importância sua criação para todos, inclusive para o ramo da literatura. Suas contribuições são levadas em consideração até hoje, assim como as modificações, muito depois de Freud, que essa teoria teve com Jacques Lacan (1901–1981), pois assim como afirma André Berge “a psicanálise não pretende revelar a chave da arte; pelo contrário, ela pede ajuda à arte para revelar o segredo da natureza” (SOUZA, 2005). Logo, pode-se perceber que Freud não tinha intenção de criar uma teoria literária, mas sua preocupação com a arte, bem como a literatura, é notável, já que, desde cedo, ele, como pesquisador, procurou respostas nas manifestações que o homem realizou simbolizando o que se encontra dentro de si.

Até certo ponto a arte e a teoria psicanalítica são absolutamente opostas, já que quando se remete ao termo ‘analisar’, refere-se ao processo analítico de fragmentar e revelar a estrutura por trás do objeto, no entanto, a arte é a construção, a maneira de combinar para criar, tornando-se síntese que leva para o prazer estético. Mas, não considere que Freud não levava em conta o estético, porém considerava a obra um sintoma, uma produção do autor em suas condições subjetivas, do seu consciente e, principalmente, seu

inconsciente. Já na teoria de Lacan, a obra literária é vista como avesso sintomático e não como sintoma, dando liberdade para que a obra se mostre como único espaço de legitimidade literária.

O inconsciente sempre é o principal objeto de estudo dentro da psicanálise, ela se divide em significação adjetiva e uma significação substantiva, essa última que começou a ser abordada depois de Freud, implica em uma variedade de conceitos. Para se obter uma boa compreensão, o inconsciente se classifica em: descritivo, dinâmico e sistemático; cada perspectiva tem uma abordagem distinta. Veja uma explicação sucinta de cada uma no quadro 1.

**Quadro 1:** Classificação do inconsciente.

<b>Dinâmico</b>	consiste em uma força dinâmica fora da consciência que é capaz de agir e determinar comportamentos nas pessoas.
<b>Descritivo</b>	o inconsciente é o conteúdo do qual não se está consciente, mas cuja existência e ação são demonstráveis.
<b>Sistemático</b>	o inconsciente é um sistema cujas relações estabelecidas entre as partes estão fora da consciência

Como podemos perceber o inconsciente está presente em tudo, pois é dele que alimentamos o nosso modo de viver nossas vidas, assim tudo que fazemos, realizamos, lá irá encontra-lo, por isso que analisar as produções, tanto na vida pessoal, quanto no campo artístico ou literário, tornou-se importante. Então fica claro que a psicanálise não é uma ciência fenomenológica como a psicologia, mas uma ciência estrutural, onde se estuda, segmentando, a estrutura por trás do objeto.

Freud, como foi dito, não desejava criar uma teoria estética para chegar à literatura, ele pretendia encontrar na arte os sentidos das demonstrações das fantasias. Trazendo isso para a leitura literária, a obra é uma formação do inconsciente, por isso que é vista como sintoma. Então, intrínseco no conteúdo da obra, há sempre algo do inconsciente do seu criador, já que, antes mesmo do artista, existe uma pessoa com suas condições subjetivas.

No entanto, não se pode negar ou minimizar o valor estético da obra, pois não existe arte sem a dimensão estética. Logo, quando se utiliza da psicanálise na literatura, tem a pretensão de alcançar a relação entre o criador e a sua obra, para assim chegar à produção artística pela realidade subjetiva do inconsciente do autor, e não só pelo caminho da técnica da elaboração do discurso. Logo, entre a literatura e o homem, existe: o inconsciente e a linguagem; dois pontos de muita importância, pois a primeira está no nível da enunciação, o nível do não-dito, já a última é a grande ordem simbólica sem qual o homem não existiria como sujeito que constrói uma significação das coisas:

Linguagem → inconsciente → apresentação social

Agora, remetendo a psicanálise no contexto crítico, existe assim a psicocrítica, que é voltada justamente para o estudo do psiquismo humano, claro que falamos aqui a psicanálise se dirige ao que está na estrutura das relações entre a obra e o artista, mas, levando em consideração as modificações feitas por Jacques Lacan, iniciou-se uma nova modalidade que é dividida em duas partes: crítica psicanalítica genética e a crítica psicanalítica textual.

A primeira se preocupa com os conteúdos do inconsciente do autor que estão indiretamente presentes na obra. É nesta vertente que o crítico tenta encontrar na obra os sinais da vida e do modo de ser do autor, como suas frustrações, seu desejos, suas preferências, suas patologias, mas ela também tem suas

subdivisão: patografias (a procura dos problemas psicopatológicos vividos pelo autor dentro da obra) e psicobiografias (procura as motivações do autor para a construção do enredo e dos personagens, buscando na história da vida do autor o que levou a criá-los, bem como nas condições em que organizou e a entregou ao público).

Já a segunda, a crítica psicanalítica textual, se restringe a própria obra e não a vida do autor, permanecendo nos elementos que compõe o texto, por isso que se pode dizer que o trabalho crítico dentro dessa vertente se mantém na ordem do significante. Assim, dentro dessa perspectiva, a psicanálise está sendo aplicada ao valor semiológico, isto é, o domínio é do significante aqui, e, na dimensão estética, a obra está sendo conservada, a autonomia da linguagem é colocada em foco.

Então, é notável que na teoria lacaniana à liberdade para que a obra se exponha como único espaço de legitimidade literária, mas sem desmerecer a crítica anterior, a genética, porquanto toda a história, como anteriormente foi sucintamente explicada, foi marcada pela busca do sentido da obra fora dela, além da relação existente entre seu criador.

## **DISCUSSÃO TEÓRICA**

### **O conto em Edgar Allan Poe**

Edgar Allan Poe (1809– 849) é um grande nome na poesia, na crítica literária, na ficção e na área de edição. Seu consciente e maravilhoso trabalho com a linguagem, sempre foi alvo de inúmeros debates nos estudos literários, mas não se pode negar que ele é um dos pioneiros da literatura de ficção científica e fantástica modernas. Uma das características marcantes, que se é possível encontrar em alguns dos seus contos, elevou o autor à categoria de mestre do horror, pois normalmente mergulham na psique humana, provocando tensão violenta.

Debatendo um pouco sobre o surgimento do conto como gênero de ficção, Poe propõe a teoria da unidade de efeito, o qual ele afirma que é “‘imprescindível’ (...) a leitura de uma só sentada, para se conseguir esta unidade de efeito”, pois a ficção curta seria o veículo mais apropriado para a expressão máxima dos talentos de um artista. Poe ainda afirma que se a narrativa não for lida de uma só sentada “os interesses do mundo que intervêm durante as pausas da leitura modificam, desviam, anulam, em maior ou menor grau, as impressões do livro” (POE, 1846).

Para a sua época, esse pensamento levou Poe a ficar contra a grande parte do fazer literário, muitos achavam que as suas opiniões eram divergentes, já outros consideravam suas contribuições vanguardistas de suma importância para a crítica literária. No entanto, muitos outros acreditavam que Poe era uma alma perturbada, essa visão era muito prejudicial para sua carreira profissional, pois mesmo sendo seu talento reconhecido, sua imagem pessoal era muito criticada, porque “o estereótipo do alcoólatra que intercalava períodos criativos com crises depressivas foi um empecilho para o estabelecimento de uma reputação respeitável”.

Porém, as novas críticas que foram sendo criadas nas últimas décadas, buscam desmistificar essa

imagem de Poe como alienado e passa a se preocupar mais com a maestria de seu trabalho com a linguagem literária. Segundo Araújo (2002, citado por BELLI, 2011), o poeta “se movia entre o grotesco, arebesco<sup>1</sup> e o bizarro, características estas que eram personificadas nas maldades dos protagonistas masculinos”.

Poe foi o primeiro escritor a fazer da literatura norte-americana algo sério, não uma questão de imaginação ou de verdade, segundo William Carlos Williams. Assim, faz necessário enfatizar, que o autor e suas contribuições, foram de muita relevância para gerações de escritores subsequentes, como exemplo, temos Mário de Andrade, Júlio Cortázar e até Machado de Assis, que em muitos momentos retomaram, rediscutiram e reelaboraram a teoria da unidade de efeito de Poe, contribuindo muito para a consolidação do conto enquanto gênero de ficção.

É preciso notar que, no contexto norte-americano no começo do século XIX, a literatura ainda se espelhava muito na literatura inglesa, mas em 1820, a ‘nova literatura’ começa a surgir, tendo como principais características o nacionalismo e a busca de uma independência literária. Logo, Poe fez grandes contribuições importantes nesse aspecto, pois ele acreditava que a literatura não deveria ser algo moralizante, inculcando valores éticos e até mesmo religiosos nos leitores. Poe preconizava que a literatura deveria ir além de falar de beleza, criar sensação de prazer, de deleite, permitindo ao leitor uma fuga da realidade e que permitia uma imersão em um mundo sobrenatural e imaginário.

Dessa maneira, fica fácil de imaginar a posição excêntrica que Poe passava frente à literatura da época. Então o surgimento de uma ficção curta, foi muito importante, pois sinalizava a originalidade do autor e confirmava uma nova tendência que ganhava vida no mercado editorial norte-americano, pois eles eram usados não só para explorar temas fantásticos, como também para introduzir novas regiões, temas e personagens, expressando visões de mundo e/ou a própria desordem social. Logo, o conto, por muitos autores, foi considerado uma forma de sinalizar o fim à dominação da literatura britânica na literatura dos EUA, pois, agora, eles tinham encontrado uma forma própria de fazer literatura que traduzia os ensaios de uma nação independente.

O conto era visto como uma forma de expressar também o mundo dos sonhos e do inconsciente, então isso pode explicar o grande número de narrativas curtas de mistério e terror, que tematizava os excessos e os desvios da mente humana. É claro que não tem como comparar o conto com os romances, no entanto, só na observação do conto que se poderia ver o isolamento de um determinado momento da vida humana e a representação do ser humano solitário, além dos estados emocionais dos personagens de forma muito minuciosa, sendo uma boa parte deles complexos e que acabavam passando por mudanças internas.

Poe afirma que a ficção curta, além de ser uma expressão artística, “possui vantagens peculiares sobre o romance, é uma área muito mais refinada que o ensaio, e chega a ter pontos de superioridade sobre a poesia” (BELLIN, 2011), pois o conto apresenta-se como um referencial teórico mais restrito por ser, obviamente, um gênero mais recente. Poe sempre afirmou e reafirmou a superioridade do conto, pois para ele, o leitor, ao ler o conto, ficava a mercê do escritor, pois

Um artista literário habilidoso constrói um conto. Se é sábio, não amolda os pensamentos

---

<sup>1</sup> Em seu sentido figurado, significa algo exótico e misterioso.

para acomodar os incidentes, mas, depois de conceber com cuidado deliberado a elaboração de um certo efeito único e singular, cria os incidentes combinando os eventos de modo que possam melhor ajudá-lo a estabelecer o efeito anteriormente concebido. Se a primeira frase não se direcionou para esse efeito, ele fracassa já no primeiro passo. Em toda a composição não deve haver sequer uma palavra escrita cuja tendência, direta ou indireta, não leve àquele único plano pré-estabelecido. Com tal cuidado e habilidade, através desses meios, um quadro por fim será pintado e deixará na mente de quem o contemplar um senso de plena satisfação. A ideia do conto apresentou-se imaculada, visto que não foi perturbada por nada. Este é um fim a que o romance não pode atingir. A brevidade excessiva é censurável tanto no conto quanto no poema, mas a excessiva extensão deve ser ainda mais evitada. (POE, citado por BELLIN, 2011)

Assim, tais ideias demonstram a existência de um artista consciente das técnicas que devem ser utilizadas para elaborar uma narrativa curta de sucesso, reafirmando assim que o conto é superior ao romance, pois este nunca alcançaria a unidade de efeito que a narrativa curta atinge no leitor. Então, é lógico afirma que Poe era um inovador no campo da literatura bem como da sua própria literatura.

Portanto, a teoria de Poe sobre o conto parte do princípio de uma relação entre a extensão do conto e a reação que ele consegue provocar no leitor ou o efeito que a leitura lhe causa, já que ele acreditava que “em quase todas as classes de composição, a unidade de efeito ou impressão é um ponto da maior importância” (POE, 1846). Ou seja, toda boa história tem um começo, que leva o leitor ao seu meio, e nesse meio é que está o clímax, a tensão, o ponto em que o leitor deve se prender com mais intensidade à sua leitura. Para então, chegarmos ao final, que seria a sua conclusão, onde tudo se encaixa.

### **Análise do conto 'O gato preto' de Edgar Allan Poe**

Levando em considerações o que foi dito anteriormente, é inegável que Edgar Allan Poe (1809 – 1849) foi muito importante para a literatura, pois sua maestria na escrita e na criação dos seus contos, demonstra tudo o que ele acreditava e defendia, contribuindo e até influenciando grandes outros escritores da literatura.

O conto ‘O Gato Preto’ foi escrito em 1843 e é repleto de simbolismos que levam, ao leitor, possivelmente para o terror que o autor queria, supostamente, é claro, pois Poe nunca falou qual era o objetivo da inclusão desse lado místico no seu conto, assim deixou muita brecha para interpretações variadas, mas uma coisa é certa, o conto é apoiado em acontecimentos sobrenaturais, violentos, perversos e insanos.

Uma curiosidade muito interessante é a escolha do autor em colocar como um personagem essencial um gato, por ele ser preto e por se chamar Plutão. Segundo o dicionário de símbolos de Chevalier et al. (1998), o gato é um animal relacionado à bruxaria; o preto simboliza as trevas; e Plutão era o “apelido” de Hades, que na mitologia grega é considerado o deus dos mortos; um trocadilho intrigante, já que os gregos não pronunciavam o nome de Hades, entre eles, e assim se referiam a ele pelo o “apelido”, mas tal apelido significava “O Rico”, um nome que implica as riquezas subterrâneas da terra, entre as quais se encontra o império dos mortos.

Pohl (2011) tira uma conclusão disso tudo em seu artigo, Análise estrutural do conto O Gato Preto de Edgar Allan Poe, onde ela afirma que essa escolha seja “Uma resposta sugestiva de por que Poe teria

escolhido o gato dentre tantos animais e dar-lhe o nome de Plutão, pode ser pelo fato de que ele queria trazer essa origem obscura do demônio e da força das trevas para seu conto (...)”.

O conto é narrado em primeira pessoa em forma de memória (ou relato), o leitor é conduzido pela jornada de um homem que vai de um extremo a outro não só pelo seu vício em álcool, como também, pela deterioração de sua alma causada em decorrência dos seus atos atroz. A questão do homem em focar tanto ódio e rancor no coitado do gato não seja por simples acaso, se o gato foi colocado na história, tinha um motivo, não só pelo o nome do gato, mas também por ele simbolizar o ocultismo. Poe se vale muito, desse, bem como de outros símbolos, em todo o conto para poder assim dá um tom de macabro a ele.

Na história, o personagem arranca um dos olhos do animal, com grande violência. Tal ação poderia infligir aos leitores que ele não o fez porque o bichano não se aproxima mais dele, mas sim por ver suas culpas refletidas no olho do gato, então numa tentativa de ‘não vê’, de se livrar daquela culpa, ele age dessa maneira brutal. É intrigante que o personagem busque se livrar da culpa, mas não tenta mudar seus atos, pois, no decorrer do conto, ele comete cada vez mais atos piores, sendo que ele mesmo tem consciência disso, por isso o possível remorso e a aceitação do seu destino.

Supostamente, o gato teria sete vidas, isso de certa forma facilita o entendimento do leitor ao final da história, assim como também ajuda a explicar o trecho abaixo, o qual detalha que há aparição de uma sombra, semelhante ao gato enforcado, na única parede que não se deteriorou – que não foi por um caso este fato também –, já que era a parede da cama do homem, seu dono.

Na noite seguinte ao dia em que pratiquei esta ação cruel, fui despertado do sono por gritos de “Fogo! “. As cortinas de meu leito estavam em chamas. A casa inteira estava ardendo. Foi com grande dificuldade que minha esposa, uma criada e eu mesmo escapamos da conflagração. A destruição foi completa. Todos os meus bens materiais foram consumidos e a partir desse momento entreguei-me ao desespero. [...] No dia que se seguiu ao incêndio, visitei as ruínas. Todas as paredes tinham desabado, à exceção de uma única. [...] justamente aquela contra a qual descansava a cabeceira de minha cama [...] As palavras “estranho”, “singular” e outras semelhantes excitaram-me a curiosidade. Aproximei-me e vi, como se estivesse gravado em bas relief [1] sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem estava desenhada com uma precisão realmente maravilhosa. Havia uma corda esboçada ao redor do pescoço do animal. (POE, 1843)

Assim, ainda segundo o dicionário dos símbolos (CHEVALIER et al., 1998), se algo ruim acontecesse, a origem desse acontecimento estaria sempre vinculada a um gato preto – a casa queimar inteira, sendo chamas relacionadas ao mau, assim ao próprio gato preto –. Logo, se uma pessoa fizesse qualquer mau a um gato preto esse mesmo gato voltaria das trevas, usando uma de suas sete vidas para se vingar da pessoa que o maltratou.

É notável que o autor descreva o personagem com certa dualidade, mostrando em um primeiro momento um bom homem, que gosta de animais, o qual se casa por amor, cuja esposa é uma mulher que tem ele gostar de animais como ele. Até aí pode inferir uma grande simpatia pelo personagem. No entanto, quanto mais se explica os acontecimentos, mais se vê outro lado do homem, um lado que maltrata aqueles que um dia disse que amava e que quando bebe, os seus atos, se tornam insanos.

O narrador-protagonista relata todos os fatos não pedindo perdão, mas deixando bem claro, logo no começo do conto, que é um desabafo, para que ele mesmo se sinta aliviado. Assim toda a história é contada

mostrando certa repugnância do próprio personagem contra seus atos, mas na narração, ele mesmo afirma que se sentiu bem, pois seu sentimento de felicidade após atos terríveis eram evidentes, assim, poderia o leitor considerar que ele sente culpa, mas se sentiu bem também depois de fazê-los. A fala do próprio personagem sugere isso: “dormi profunda e tranquilamente; sim, dormi o sono dos justos, mesmo que tivesse agora o peso de um assassinato em minha alma!” (POE, 1843).

Levando em consideração que Poe preconizava sua teoria de unidade de efeito, que a narração deveria ser lida em uma só sentada e deixar um determinado efeito no leitor, seu conto inunda a quem ler com tantos sentimentos, talvez até semelhantes do personagem ou não, mas é praticamente impossível ler essa obra sem levar consigo algum efeito. Esse conto macabro e espantosamente bem detalhado, talvez carregue em seu cerne muitos aspectos do próprio ator, se valendo de uma literatura psicocrítica, na vertente da crítica psicanalítica genética, principalmente na construção do psicológico do personagem principal.

Um fato que poderia levar a essa consideração seria que, como o homem do “O Gato Preto”, Poe se embebedava muito e isso, para certos escritores literários da época, não o permitia que ele elevasse sua posição, pois ele se denegria muito, por vezes era sóbrio e admirável, por outras se perdia em devaneios insanos, mas, mesmo assim ele ainda era fenomenal em suas observações para a literatura, bem como nas construções dos seus enredos.

Notável que palavras como insanidade, bizarro e grotesco surgem também na vida do autor, como em seus contos, principalmente esse em questão, onde o homem, do conto analisado, tem em sua persona explorada tais características. Colocando também aquela dualidade de bem e mal que todo ser humano tem em seu ser, onde só as escolhas dele mesmo poderão tanto levar para um caminho bom, quanto ao caminho ruim. No caso do protagonista, suas escolhas de ações o levaram para um destino fatal.

Em decorrência disso e por ser carregado de cenas macabras, é provável que os mais sensíveis se sintam incomodados do início até o final da leitura, visto que Poe não é suave nos momentos em que descreve cenas brutais de violência – tanto doméstica, quanto animal. Por mais que seja indigesto em determinados pontos, ‘O Gato Preto’ se torna leitura fundamental para aqueles que desejam observar um desnudamento da alma de um ser humano enlouquecido pela culpa. Há uma grande profundidade psicológica do conto de Edgar Alan Poe ‘O Gato Preto’, ele é intimista e aterrorizador, possivelmente até carregado com muitas características do inconsciente do autor.

## CONCLUSÕES

A literatura tem como sua principal prática o exercício da linguagem, logo, tanto a Literatura e Psicanálise, conversam de uma forma amigável, pois a linguagem liga esses dois mundos, já que, para a psicanálise, a linguagem é a ferramenta mais importante de todas, bem como a subjetividade que está intrínseco nas obras literárias, pois é na literatura que os escritores usavam a imaginação para escrever idealizando algo que sonhavam ou para desabafar o que viviam e por se tratar de angústias e sentimentos comuns aos seres humanos, os leitores de antes e de hoje em dia, se identificam com o que leem.

Desta forma, Freud, fundador da psicanálise, sem dúvida alguma, foi o responsável pela ligação entre



esses dois mundos, uma vez que foi ele quem inaugurou um campo teórico que permitiria pensar o homem e o seu estar no mundo. No entanto, a psicanálise tem um objetivo clínico e inovador que é a cura pela palavra de um doente em particular, mas ela também se volta para as explicações das produções culturais.

Sendo a psicanálise uma experiência que se constrói unicamente pela linguagem, assim é necessário que se tenha muita atenção para observar o inconsciente do paciente analisado e como ele é construído. Baseando-se totalmente na interpretação. Logo, não seria anormal se criar uma vertente da crítica com o cunho na psicanálise, pois, levando em considerações a maior descoberta da psicanálise, o inconsciente, e pensando em um contexto literário, é através dela que se pode chegar a um novo entendimento sobre muitos fatos que caracterizam as obras.

## REFERÊNCIAS

BELLIN, G. P.. Edgar Allan Poe e o surgimento do conto enquanto gênero de ficção. **Anuário de Literatura**, v.16, n.2, p.41-53, 2011. DOI: <http://doi.org/10.5007/2175-7917.2011v16n2p41>

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A.. **Dicionário dos símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. 12.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

NASIO, J.-D.. **O prazer de ler Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

POE, E. A.. **Filosofia da composição**. 7 letras, 1846.

POE, E. A.. **O gato preto**. 1843.

POHL, M. R.. **Análise Estrutural Do Conto O Gato Preto De Edgar Allan Poe**. 2011.

REZENDE, R. G.. A teoria do conto de Edgar Allan Poe e de Ricardo Piglia na análise de "A caçada", de Lygia Fagundes Telles. **Revista ALPHA**, Patos de Minas, v.10, p.208-219, 2009.

SOUSA, A. O.. **Crítica Psicanalítica**. 2005.

A CBPC – Companhia Brasileira de Produção Científica (CNPJ: 11.221.422/0001-03) detém os direitos materiais desta publicação. Os direitos referem-se à publicação do trabalho em qualquer parte do mundo, incluindo os direitos às renovações, expansões e disseminações da contribuição, bem como outros direitos subsidiários. Todos os trabalhos publicados eletronicamente poderão posteriormente ser publicados em coletâneas impressas sob coordenação da **Sustenere Publishing**, da Companhia Brasileira de Produção Científica e seus parceiros autorizados. Os (as) autores (as) preservam os direitos autorais, mas não têm permissão para a publicação da contribuição em outro meio, impresso ou digital, em português ou em tradução.